



rui cóias
europa



COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V

*Vivei na casa — e a casa viverá.
Invocarei qualquer dos séculos
Para lá construir a minha casa.
Por isso tenho vossos filhos a meu lado
E também vossas mulheres, sentados à mesa,
Mesa para o magnífico avô e para o neto.
Cumpre-se aqui e agora o futuro
E se eu ao de leve vos dou a minha bênção
É porque só restam esses cinco raios de luz.
Omoplatas minhas como vigas mestras
Sustentam cada dia que engendra o passado,
Com a vara de agrimensura meço o tempo
E tanto atravesso como sobrevoos os montes Urais.*

ARSENIÍ TARKOVSKIĬ

© 2015, Rui Cóias
e Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Europa*
Autor: Rui Cóias
Coordenador da coleção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Dezembro de 2015

ISBN 978-989-671-292-1
DEPÓSITO LEGAL N.º: 402418/15

ÚLTIMOS DIAS DA PRIMAVERA



1.

Não importa quem vem entender a sua história — os seus braços fixam, por momentos, a clara luz de Setembro, as manhãs unem-se, junto a ela, às manhãs de outrora, e como tu, que corres irrompendo num campo de feno, ela não mais largará a tua sombra, a esteira do teu pensamento, pisando os traços dos anos que se dividem e refazem. Não é falsa essa história, nem esse silvo que estremece, e se for distinto o ambíguo coração, que receias ouvir, tão suave, e próximo, pelo que foi sepultado a teus pés, passarás os dedos, distantes, nos ombros da destreza, lembrando que o mesmo itinerário se faz e se perde, como desde o primeiro ao último bater de um ancinho na vida.

Há um nome para mais tarde, ainda que nos pensem distintos, e nessa altura, em que a mão cruza a folhagem que passou, empalidecendo, palmo a palmo, num elo mais escasso, nas cidades, pastagens, e portos, que são uma parte de nós, tremulando na agonia, que incognitamente nos leva, apontamos assim o caminho que se deita em cada dia dando-nos a luz fosca que ruma então para nossas casas no atalho da estria dócil, da terra de areias maceradas. Pois como o espelho erguido quinhentos pés acima em Alexandria, e que três vezes ruiu até gerar só uma angra sobre o mar, nada podemos juntar do que corre na vida e se extingue senão o que do passado, sobre pó, vem a todos chamando.

2.

Sabias ser o augúrio a adivinhação do futuro pelo voo das aves?
Sob que promessa então faremos discorrer as nossas penas?

Acalentarás o adulto milhafre, serpejando a vazante
ou crês que me detenha na venerável contemplação do corvo?

Minuciosa é a travessia do coração sereno, sem lástima,
pois anda e comigo reparte o ofício do condutor de cotovias,

pelos quintais seguiremos o seu trilho na erva molhada,
também nós com ele formaremos um cortejo,

pobres aprendizes por chegarem os anos e o que vivemos, um dia
sem perguntarmos que só isso podia importar.

3.

Dizes afinal, no que é um discurso, companheiro,
chegada a hora de falar do nosso medo, e talvez mentir,
a hora em que de ti me despeço, em que de
novo fruis, da encosta, o largo frio do fim que se aproxima,
«que só podemos acenar, acenar sempre, sem remorsos,
pois é no que perdemos que, porém, arrancamos a
escura pena do dia, para olhá-lo, ao longe, pelo que murmura.
Porque queremos então mentir, companheiro? —
o tempo, que é uma dura distância, deixa-se cair
como uma folha surda que cobre as alamedas,
e onde, assim, flutua, como por uma água opaca,
levanta de vez o sonho daquilo que conhecemos
para junto da ferida do mundo que ele mudou
e que daí volta por um fio misterioso para nos lembrar.

Mentimos sim, em razões menos unânimes, e tendo de resto
sentido a tremura perdida do vento nos cabelos,
o fervilhar do silêncio que chegava isolado, palavra a palavra,
traduzindo a adversidade a que as palavras não chegam,
contudo olhamos para trás e, por vezes, acenando
no calmo decorrer do regresso em que todos
os anos se aproximam, caminhamos ao sol nos eirados
até aos raios luminosos dos campos em que nos juntávamos.
Justamente tal o faz o cheiro acre das chuvas sobre o Verão
crescemos de alma para alma que passa e cauciona
a linha que da vida fomos consentindo que se forme,
e no fim, que pode ser o desta hora em que me chamas, no
largo frio de outro ano aproximando-se, outra hora no alto da colina,
cabe-nos, do que vimos, escutá-lo só pela lembrança.

4.

Na Primavera, as rosas, tinham passado noutra estação,
os longos dias começaram a empalidecer,
as espigas do milho batiam na relva, sobre a orla escura,
o dia cruzava o vale, a cinza arrastava-nos na ponta dos dedos,
estendíamos a mão como se não a tocássemos,
a espadela do remador ouvia-se nos longos silêncios,
deixava o olhar quase puro, esverdeado na espuma,
mais brilhante do que tudo o que lembrávamos.

Assim descíamos até ao último e frio clarão do céu,
ficávamos isolados, como um estilhaço nos mortórios,
para norte, apontávamos o dedo, por uma estrela,
sentíamos girar, no alto, as luzes, na distância,
e na modorra que o dia trazia sob os ulmeiros
dizias-me ser por isto que tudo o que vem, vem da memória,
e como nela, tal o rio que ignora os afluentes,
a nossa direcção muda com as sombras nos lameiros.

5.

Deixa o silêncio levar-nos no seu matiz de nada,
que seja a fileira de um vento que se oiça
e aos dois leve a um fim à nossa espera.
Em breve nos fará a vénia a tecedeira,
sorrindo nalgum dos teus lembrados gestos,
que por ele amarei o esplendor do que se der
ou a obscuridade obedecida à nossa espera.
Antes uma estação durava abundantes anos,
anelava um colosso púrpura atrás de nós,
e o porte varrido ao sol na extensão das estátuas,
que por hábito obsessivamente nos velavam,
éramos além nós vistos dos terreiros
a seguir, e desaparecer, na erva espezinhada,
ouvida para trás, de raspão, e sem voltar.
E outro ano o batente desliza, noutro passava,
no vento do balanço tombado na nossa frente,
e daí a quatro anos a procissão passava, a procissão,
e tudo recolhia, tudo suspenso, a si voltava,
tal a tarde sem ímpeto, pondo uma mão baixa,
puxando o postigo abafado, e pardacento.
Como os nossos corpos, que lembrar faziam
o que fora o rosto do Filo-Helena afortunado,
sob a música que flui, e, assim, se torna vã,
tão ausentes estávamos na limpidez que não se via
que mesmo o pendor fútil purgava a ânsia,
como no marulhar, do dia, no verde da vasta vida.
E em breve, digo-te, tu que muitos rostos afiguras,
das nossas incautas solidões, e de tanto recordar,
será o silêncio, outro agora, o vento que nos leva,
e mesmo nada, nada mesmo for o que se julga,
nem os limites da nossa compassiva solidez,

nem as nossas passadas devoções,
nem mesmo o que mal de ti perdurou.

6.

Lembras-te do que falávamos nesse tempo,
quando ouvíamos o tropear da seda do sol
nos braços dos ramos que caíam ao longe
cortando o suave roçar das lembranças?
Não creio que julgássemos palavras, nem mistérios
com cinzas que não sabem o que representam. Muito cedo
mudámos a vida, antes de mudar a inocência,
e tantas vezes pensando que andávamos num brilho
semiclaro que se esfuma na abstracção,
presumimos o nosso fim, para explicar o nosso medo.
E dizias — quando Maio se escoava na descrença
que gentilmente se abatia ao passarmos Sub-Ripas: «hoje
descerei as escadas, emudecido, ao vosso encontro» —
era o tempo do cansaço indiferente, da candura
combalida, minguada, do fim da década — *«hoje
descerei as escadas, e baterei à tua porta — nada tão
certo, penosamente dito, a frisar a voz, a forçar
os clarões entrevistos a meio da subida das ladeiras,
onde inicia o cortejo o andor de cabeleiras jovens,
subitamente assomando aos sótãos de janelinhas, subitamente
quebrando quem havia, alegremente, chegado, pela Conraria.
Que distinta é essa ameaça, que a brandura
contundia na voz, intuindo as solidões que emanam no tempo,
e refundidas num ponto só, em que paramos, à espera
de alguém nos lançar o dever da esperança
para de novo, num salto para trás, podermos repousar.
Se hábil é o âmbar de quem vive persuadido na glória,
aturdido na centelha quente, do lento anoitecer,
logo despontando, sem que saiba, na filigrana da derrota,
se por latentes sepulcros ali vínhamos, sem sabermos,
aparatosos noviços, revolvendo pó, abraçando-se, sem engano,*

exibindo o desfecho de lestos deuses, debelados,
que certo é que a tua descrença eu não julgasse, nem as
palavras entendesse, nessas tardes, nesse tempo,
quando, todos juntos, embuçados, chegando a Maio,
sob o sol distante que a banda dos carrosséis amolecia,
pela encosta víamos descer os primeiros corpos da Primavera
e lá em baixo os esperávamos, em duas áleas, para que passassem.

7.

Et in Arcadia ego

Que longe, entre os relvados
quando a alma avultava nos vigorosos pensamentos, e ficava ileisa
eu seguia imune os solitários vidoeiros
do céu cardado na medusa soerguida, da chama do ouro inútil
da cidade da Arcádia.
E por ser-nos indiferente a juventude, e por esse
amor aos belos, pela noite fátua submissamente isolada na mudez, a vida
porque tão perto do que passa
era aquilo que o futuro ainda desconhece, iludindo o fim desse futuro.

Mas nós somos atraídos aos mortos jovens: amamos
com qualquer desdém a vida breve
ardendo, beijada de dentro, na flor ainda prematura
e caímos exaustos, sem negação, e no engano: — ela, como escuras sebes,
concilia o ânimo sobre o peito — e o erro
por ser o derradeiro, o que culmina, a voz raspada noutra voz, esse coração
nosso que não pensa no que nasce
deixa ao caminho uma rosa possessiva, e julga o amor
pelo mesmo pensamento.

ÍNDICE

1. Últimos dias da Primavera	7
1. <i>Não importa quem vem entender a sua história,</i>	11
2. <i>Sabias ser o augúrio a adivinhação do futuro pelo voo das aves?</i>	12
3. <i>Dizes afinal, no que é um discurso, companheiro,</i>	13
4. <i>Na Primavera, as rosas, tinham passado noutra estação,</i>	14
5. <i>Deixa o silêncio levar-nos na sua matiz de nada,</i>	15
6. <i>Lembras-te do que falávamos nesse tempo,</i>	17
7. <i>Que longe, entre os relvados</i>	19
8. <i>Com o anoitecer na aragem da estrada em silêncio,</i>	20
9. <i>Em qualquer momento, no começo e no fim,</i>	21
10. <i>Não há mais vidas, nem o recomeço delas por algum fim,</i>	22
2. Paisagens na dispersão	25
1. <i>Poderás afirmar,</i>	27
2. <i>Estreita o passo ao avistares a encosta dos rios,</i>	28
3. <i>Cautela com as peregrinas viajando pelos campos,</i>	29
4. <i>Vejo com os olhos de Deus,</i>	30
5. <i>Olha lembra-me como era há muitos anos em San Andrés</i>	31
6. <i>Não é difícil um homem apaixonar-se,</i>	32
7. <i>As vozes partiram.</i>	33
8. <i>Lembro a tua voz, quando</i>	34
9. <i>Não temas sem mim, não chores</i>	35
10. <i>Se quiseres que eu me perca</i>	36
11. <i>Este é um recado de amor, do possível esquecimento,</i>	37
12. <i>Carta do Norte Grande, São Jorge</i>	38

3. Ocidente, puro horizonte	41	5. Doces lágrimas de guerra, Somme, 1916	73
1. «Não distinguimos com clareza o que importa	43	1. Quando uma época cai a prumo,	77
2. Quando por um ondear frio e mais escuro	44	2. Na Primavera, de longos anos, ao sol,	79
3. Que navios vimos fundeados ao largo, da marginal cinzelada,	45	3. Se o tempo perdido é discorrido no tempo gasto,	81
4. No dossel do tempo volvido e enterrado,	47	4. Sob a aparência de que irei morrer,	83
5. Vem, confunde o longe no perto, e de entre os sulcos sai e vem,	49	5. Já não tarda o novíssimo tempo,	85
6. Não há lugares, nunca houve, nem mesmo antigos.	50	6. Enquanto ali estamos, nem sequer	87
7. O mar invadiu as costas, chegou ao centro da ilha. Não sinto.	51	7. No man's land	89
8. Parte, de novo parte, ainda que demores a vida a embarcar,	52	8. Duas canções póstumas para Paul Celan	90
9. Esta é a terra nocturna. A do líquen azul do poente.	53	— Canção de Brzezinka	90
10. Pensamos que, talvez, na fria e branca	54	— Canção da Carélia	91
11. Andaste de um ao outro lado da terra na vida interminável,	56	6. O fugaz tremor dos campos	93
4. A sombra da incerteza	59	Notas	109
1. Que exíguo impulso se move, e não esquecemos?	61	Tabela das imagens	115
2. Nada do que floresce na areia dissoluta	62		
3. Deixamos só vogar a voz no escuro dia,	64		
4. Passa, desvelando o presente, aberto ao ar,	66		
5. No vaivém do vento somos três e mais a estepe,	67		
6. Onde a fuligem avança na maresia para o interior,	69		
7. Nem a demanda conseguirás que	70		
8. Nos olhos de quem, sem imaginares, se enternece,	71		
9. Na nossa vida de vez em quando	72		

Parte deste livro foi escrito na Abbaye Royale de Saint-Riquier,
Centre Culturel de Rencontre, no Somme, em França,
com o apoio deste Centro Cultural e da ACCR, Association
des Centres Culturels de Rencontre.



EUROPA
de Rui Córias

foi impresso na Rainho&Neves, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 90 g,
em Dezembro de 2015.